

Três tentativas de descolonizar o sul

VICTORIA NOORTHOORN

MASP Afterall

2021

Arte e descolonização

O MASP e o Afterall—centro de pesquisa dedicado à arte contemporânea e às histórias das exposições—estabeleceram uma parceria de estudos sobre o tema arte e descolonização. A iniciativa pretende questionar as narrativas oficiais e a configuração eurocêntrica do mundo da arte como uma história totalizante, produzindo também novas leituras sobre acervos e coleções de museus e exposições, por meio de workshops e seminários, além de publicações de artigos. O projeto aborda o surgimento de novas práticas artísticas e curatoriais, que questionam e criticam explicitamente os legados coloniais na arte, na curadoria e na produção de crítica de arte. Pretende-se que os eventos promovidos por esta parceria do MASP e do Afterall estimulem novas discussões e pesquisas sobre descolonização, decolonialidade e estudos pós-coloniais.

Este texto precede uma série de conferências, intitulada *Descolonização na década de 2020*, organizada pelo MASP e Afterall em parceria com o Decolonising Arts Institute, da UAL, e o Departamento de Cultura Visual da Goldsmiths – Universidade de Londres.

Três tentativas de descolonizar o sul

VICTORIA NOORTHOORN

1. O *Museo de Arte Moderno de Buenos Aires* foi fundado em 1956 com a ambição de responder às vanguardas artísticas da época. Ao invocar a ideia de progresso em sua escolha do adjetivo “moderno”, seu plano de ação foi moldado por direções sucessivas preocupadas em permanecer relevantes — e, neste sentido, “contemporâneas” — para distintas comunidades artísticas de sua época.

Esta pandemia devastadora escancarou as diferenças sociais, econômicas e culturais, assim como o fez com as estratégias que determinam a dominação de um grupo sobre outro de acordo com as lógicas coloniais que ainda operam em nossas sociedades. Anexadas a estes mercados, muitas vezes rejeitados sob o argumento de serem essencialistas, encontramos uma série de lógicas e processos que afetam profundamente o funcionamento de qualquer museu de arte moderna que se considere “contemporâneo” e sensível ao clima predominante em qualquer momento histórico.¹

Ao longo dos anos, a ampla pesquisa do *Museo de Arte Moderno de Buenos Aires* acerca de movimentos artísticos e práticas individuais históricas e contemporâneas de artistas da Argentina, tem mostrado repetidamente que só podemos oferecer um espaço para a arte ressoar se desafiarmos as desigualdades inerentes à perspectiva colonial original. Este ponto de vista é reproduzido — em vez de corrigido — no estabelecimento de equivalências entre modernidade e ocidentalização, multiculturalismo e globalização, ou na postulação de um ainda hipotético “Sul Global” para equilibrar um “Norte Global” bem estabelecido.

No cerne de qualquer processo concebível de descolonização jaz a necessidade de questionar qualquer ideia de superioridade, precedência ou teleologia que posicione o Ocidente acima do Oriente, o Norte acima do Sul, ou que estabeleça o Ocidente ou o Norte como um objetivo ou ideal ao qual o Leste e o Sul devem aspirar. Isto não implica negar os efeitos desses processos sociais nos indivíduos e, consequentemente, em experiências artísticas; pelo

2. “*Historia de dos mundos*” foi uma exposição projetada pelo *Museo de Arte Moderno de Buenos Aires* e pelo *Museum für Moderne Kunst* [Museu de Arte Moderna] (MMK) de Frankfurt, desenvolvida com o apoio do Kulturstiftung des Bundes [Fundação Cultural Federal Alemã] e da prefeitura de Buenos Aires. A curadoria foi de Javier Villa, curador sênior do *Museo Moderno*, Klaus Görner, curador do MMK e da autora deste ensaio. A exposição ocorreu de 25 de novembro de 2017 a 2 de abril de 2018 no MMK e, em seguida, foi inaugurada em Buenos Aires, onde ficou de 7 de julho a 14 de outubro de 2018, para marcar a reforma do edifício do *Museo Moderno*, ocupando todas as suas galerias. Em Buenos Aires, a mostra incluiu 105 obras da coleção do museu, 75 obras da coleção do MMK e 487 obras emprestadas de coleções públicas e privadas de todo o mundo.

3. Klaus Görner, Victoria Noorthoorn e Javier Villa, *A Tale of Two Worlds: Experimental Latin American Art in Dialogue with the MMK Collection, 1944–1989*, Bielefeld e Nova York: Kerber Verlag, 2018.

contrário, resulta em torná-los visíveis e problemáticos. Esta é nossa preocupação em relação ao atual funcionamento do museu em Buenos Aires, à medida que nos esforçamos para torná-lo um agente do presente, promovendo a emancipação do pensamento artístico em diversas exposições (em média 10 por ano), bem como programas educacionais e sociais (cerca de cinquenta projetos concebidos para atender às necessidades de nosso público diverso). Tudo isso exige urgentemente que nos livremos dos velhos grilhões e redefinamos as prioridades em resposta ao clima atual e, de modo mais imediato, à emergência que vivemos.

Com o passar dos anos, nós do *Museo Moderno* redefinimos nossas prioridades e missão para afirmar nossa ambição de “ser uma referência para a arte argentina moderna e contemporânea e para a relação entre arte e educação na cidade de Buenos Aires, na nossa região e no mundo; ser um museu para todos: um museu federal, inclusivo e acessível que defende os valores da igualdade de gênero e liberdade de expressão em uma ampla gama de disciplinas”. Essa ênfase na importância do local e na necessidade de dar uma resposta imediata ao nosso contexto é o resultado lógico de um processo de revisão historiográfica que tomou três caminhos complementares:

1. Contestar a ideia de um cânone dominante e precursor de arte moderna europeia-estadunidense, como fizemos na exposição “*Historia de dos mundos*” [História de dois mundos],² que buscou realçar o caráter originário de práticas artísticas latino-americanas inovadoras, complexas e centrais para grande parte da arte do século 20. Igualmente, estabelecer uma história da arte possível, que reposicione práticas euro-estadunidenses como *uma função de* e *em diálogo com* práticas latino-americanas. Isso inverte — ou pelo menos relativiza e questiona — a narrativa programática definida por uma corrente de “ismos” que pouco contribuem para qualquer compreensão da força e do poder da arte, que, de fato, surge de uma necessidade vital de responder a contextos específicos e extrai seu poder das vozes e gestos de artistas locais.³ “*Historia de dos mundos*” é apenas uma das dez exposições internacionais apresentadas no *Museo Moderno* desde 2013, invariavelmente com curadoria interna e destacando uma abordagem revisionista.

4. Javier Villa, "Introduction" In: *Una historia de la imaginación en Argentina: Visiones de la pampa, el litoral y el altiplano desde el siglo XIX a la actualidad [Uma história da imaginação na Argentina: Visões dos pampas, do litoral e do altiplano andino desde o século XIX à atualidade]*, Buenos Aires: Museo de Arte Moderno Buenos Aires, 2019, p.19.

2. Apelar para o poder de narrativas artísticas locais de diferentes regiões da Argentina ao longo dos séculos 20 e 21, como na exposição "*Una historia de la imaginación en la Argentina*" [*Uma história da imaginação na Argentina*] (2019), que incluiu cerca de 250 obras de coleções públicas e privadas do noroeste, dos pampas e do litoral do país. Os temas centrais da curadoria foram definidos pelo nosso curador sênior, Javier Villa, da seguinte forma:

Deveríamos esquecer a estrutura dos "ismos", períodos, estéticas e estratégias que se enraizaram na arte argentina? Ou até mesmo suspender nossas próprias ideias sobre estas estruturas? Colocar de lado a antropofagia sobre a qual já sentimos tanto entusiasmo como se fossemos canibais, mas que agora é maçante — mais interessante para os europeus, parece, do que para nós e, principalmente para simpatizantes do pós-colonialismo? O que aconteceria se, de repente, nós nos tornássemos conservadores e falássemos de tradição ou de identidade nacional? Devemos pelo menos tentar: no sul não corremos o risco de virarmos fascistas simplesmente porque queremos falar de nós. A segunda ideia que tivemos acerca desta exposição foi fingir que os cânones e categorias da arte herdados da Europa modernista eram um tipo de doença e que a única maneira de combatê-los foi nos inoculando com uma forma enfraquecida, como se fosse uma vacina.⁴

A exposição foi curada com a preocupação de mergulhar no conhecimento sobre diversas localidades na Argentina, um país que, no século 19, quando este estado-nação estava sendo construído, privilegiou a centralidade e dominação de Buenos Aires, replicando estratégias coloniais desta dominação dentro do nosso país. A abordagem da equipe curatorial do *Museo Moderno* que trabalhou nesta exposição focou em desconstruir narrativas historiográficas centralistas. Segundo Javier Villa:

A história contada [pela exposição] inspirou-se não tanto na história da arte, mas nas ficções da literatura argentina e no que as próprias obras

5. *Una historia de la imaginación, op. cit.* pp.22–23.

6. Estabelecemos esse objetivo através do trabalho do Grupo de Conteúdo do *Moderno*. Com a chegada da pandemia, o grupo tornou-se um projeto interdisciplinar composto de pessoas curadoras, editoras, educadoras e comunicadoras.

e paisagens tinham a dizer. Não partimos em busca dos grandes mestres que já conhecíamos, nem para “descobrir” artistas esquecidos ou negligenciados, como se fôssemos colonizadores, tampouco para “salvá-los”, como se fôssemos imperialistas. Queríamos aprender para trazer de volta coisas que as pessoas que vêm nos visitar em Buenos Aires ainda não conhecem. Pensamos na necessidade de estabelecer uma definição nova e mais inclusiva de “nós”, um senso de pertencimento em um contexto contemporâneo no qual a violência e a exclusão ainda não foram descartadas.

[. . .] Estes territórios foram e ainda são campos de luta. A terra também é um cemitério sobre o qual pessoas argentinas vêm se matando há séculos: pessoas europeias e indígenas, federalistas e unitários, ditadores e seus seguidores, pessoas ricas e pobres, homens e mulheres. Esta história trágica aparece na exposição porque é uma parte importante da história que devemos avaliar. A história [da imaginação na Argentina]... usa o passado para mergulhar no presente. Como reinterpretar os genocídios de povos indígenas hoje? Onde colocamos nossos mortos [...]? Como o corpo feminino, o corpo cativo que é tanto troféu quanto ponto geopolítico central, abusado, estuprado e assassinado incontáveis vezes por homens e por instituições, pode ser reavaliado?⁵

3. Assentar em nosso contexto local cada uma de nossas ações curatoriais, educacionais e sociais com o objetivo de responder aos desafios do clima atual e de construir um arquivo do presente em torno dos trabalhos, ideias e reflexões da comunidade artística argentina.⁶

Essa ênfase na importância do que é local é característica do nosso programa desde 2013. Nós do *Moderno* temos agido de modo determinado para trazer visibilidade para a mais ampla gama geracional de artistas da Argentina. Abrimos 65 exposições de artistas da Argentina desde então, como forma de justiça poética num contexto local que, durante décadas, negligenciou e falhou em prover o devido suporte institucional para seus próprios artistas.

7. Soledad Pérez Otazú e Emilia Sotel, “Ser mujer y ser indígena” [Ser mulher e ser indígena]. Córdoba, Argentina: Museo de Antropología, Facultad de Sociología y Humanidades, Universidad Nacional de Córdoba (UNC), 2020, disponível em <https://museoantropologia.unc.edu.ar/2020/06/06/ser-mujer-y-ser-indigena/>. Acesso em: 2 de fev. de 2021.

Atualmente, ante a pandemia de COVID-19 e após construir um programa que prioriza o que é local, nos encontramos numa posição de relativa força e prontidão para aguentar os desafios que estão postos. Tendo já estabelecido a prática de não sustentar nossa programação no empréstimo de arte internacional, nem apoiar nossa bilheteria no glamour de grandes nomes do ecossistema global, os maiores desafios que tivemos que superar foram, por um lado, a desolação pelo fechamento provisório do museu, que durou sete longos meses, de março a outubro de 2020. Por outro lado, buscamos diversas maneiras de lidar com a enorme fragilidade dos laços sociais, cujas raízes jazem profundas nas relações de dominação, como a pandemia expôs ainda mais.

Diante do fechamento, desenvolvemos na velocidade da luz o programa digital *#MuseoModernoEnCasa* [Museo Moderno em Casa] para oferecer suporte robusto para a comunidade artística argentina, bem como às famílias e à classe trabalhadora da educação em casa, produzindo conteúdo que nos permitisse abordar questões acerca de nosso presente complicado. Surpreendentemente, os vinte programas virtuais que produzimos até agora nos aproximaram de artistas em toda a Argentina, de Jujuy à Tierra del Fuego, e nosso compromisso com a localidade redobrou nossa atenção e nossa busca por entender as necessidades da comunidade artística de todo o território. Como resultado, um dos programas que surgiu, intitulado *#PaísImaginado*, selecionou 23 artistas de 23 províncias argentinas e nos lembrou quão longe ainda precisamos ir antes de poder dizer que estamos representando o país, e encarar o desafio — ainda em andamento — de tornar o museu mais federal, revertendo o centralismo mencionado acima.

Um vazio terrível foi criado quando, em 31 de maio de 2020, apenas seis dias depois do assassinato de George Floyd, um outro ato brutal de violência policial aconteceu aqui na Argentina, em Fontana, na província de Chaco, quando oficiais da 3ª Delegacia de Polícia do bairro Bandejas Argentinas invadiram uma casa na comunidade indígena Q’om, espancaram e torturaram as pessoas lá residentes e depois prenderam-nas e estupraram-nas. As vítimas foram encharcadas com álcool e, aos gritos de ‘índios infectados’, ameaçadas de serem queimadas vivas.⁷ Em comparação com o clamor global em resposta ao assassinato de George Floyd, o silêncio da mídia argentina a respeito desses crimes

8. O programa digital de conteúdos *¿Soy racista? [Sou racista?]*, no #MuseoModernoEnCasa, contou com artistas como Washington Cucurto, Sandro Pereira, Dudu Quintanilha, Lucía Reissig e Bernardo Zabalaga, Yasmin Thayná e Judi Werthein, e os coletivos Diáspora Africana de la Argentina [Diáspora Africana da Argentina] (DIAFAR) e Identidad Marrón [Identidade Marrom]. Para mais detalhes, acesse: <https://www.museomoderno.org/en/sobre-racismos/>. Acesso em: 2 de fev. de 2021.

brutais ocorridos no nosso próprio território foi alarmante para nossa equipe.

Até então, o museu vinha fazendo curadoria politizada, apesar de não estar denunciando os acontecimentos locais. Naquele dia, entendemos que todos os nossos esforços para permanecer relevantes e para dar resposta aos nossos públicos mais diversos — através de programas ligando arte à educação, inclusive programas de treinamento de docentes (frequentados por 7 mil profissionais da educação por ano), esquemas de acessibilidade, programas de saúde mental em parceria com hospitais, trabalho relacionado a pessoas do espectro autista e os demais programas que dedicamos à inclusão social e à reparação histórica por violações dos direitos humanos — só fariam sentido se adotássemos uma postura institucional franca diante da concomitância extrema da pandemia de COVID-19 e das violações de direitos humanos individuais e coletivos sendo perpetradas no mesmo período.

Com estas convicções, começamos a preparar o programa #SobreRacismos, que apresentamos de 21 de setembro a 11 de outubro de 2020. Abordar o tema do racismo num país que se entende como antirracista significou, antes de tudo, trazer visibilidade à existência do problema. Contratamos uma empresa de pesquisa para conduzir um estudo sobre o racismo na Argentina; a principal conclusão foi que pessoas argentinas reconhecem a seriedade do racismo no nosso país, mas não se enxergam como racistas: acreditamos que é sempre uma outra pessoa a praticar a discriminação, nunca nós mesmas. Nesse contexto, convidamos Fabiola Heredia, diretora do Museo de Antropología da Universidad Nacional de Córdoba, na Argentina, para nos orientar — a partir de uma perspectiva sociológica a respeito de abordagens ao conteúdo artístico proposto por artistas de todo o país — a entender mais inteiramente a complexidade e as consequências de todas as declarações que fizemos sobre o assunto. Finalmente, convidamos artistas para falar diretamente sobre as cadeias hierárquicas de valor associadas com identidades, compartilhando conosco trabalhos nos quais descrevessem e denunciasses os comportamentos, gestos e práticas associadas com essas cadeias, assim como suas reflexões sobre as formas assumidas pela produção social do racismo na atualidade.

O resultado foi o programa de conteúdos estéticos e políticos que denominamos *¿Soy racista? [Sou racista?]*.⁸

Nele, nos perguntamos:

Como as diversas formas de racismo operam entre nós e dentro de nós aqui e agora? O que acontece quando falamos de raça? Houve inúmeras tentativas teóricas de defini-la em termos de multiculturalismo e diversidade. Mas estes conceitos acobertam a forma através da qual os diversos marcadores de diferença social operam nos processos que fazem o racismo ser invisível. É possível construir identidades e identificações fora dos marcadores sociais que se essencializam através de uso que fazem de argumentos biologicamente redutores ou culturalistas? O que significa ser uma pessoa indígena ou branca, ou negra, ou trans, ou uma mulher em sociedades contemporâneas? Como podemos nos reconhecer sem simplificar a complexidade do que somos?

Assim como, em nosso contexto, o racismo é invisibilizado, silenciado e maquiado para continuar operando de múltiplas maneiras, o mesmo acontece com certas obras que exibem processos de exclusão baseados em reduções corporais e fenóticas. Isso acontece porque, embora o racismo seja associado ao ódio gerado por identidades étnicas, estas são latitudinalmente enredadas e expressadas por outras formas de diferenciação social como gênero, classe ou afiliação religiosa. Neste contexto, falar de “racismos” implica visibilizar todas as situações de discriminação e depreciação que perpetuam relações de poder colonialistas.

Para concluir, há três estratégias que o Museo Moderno utiliza a fim de implementar uma prática revisionista do colonialismo na Argentina:

1. A curadoria de exposições e programas que apresentam práticas artísticas tanto locais quanto internacionais, com o objetivo de sempre reformulá-las a partir de um ponto de vista decolonial, centrado no sul da América Latina, rejeitando a possibilidade de apresentar produtos “enlatados” do exterior.
2. Uma insistência obsessiva com a importância da arte local em todas as suas expressões históricas e contem-

porâneas bem como em toda sua complexidade federal. 3. Pesquisa incessante voltada à problematização das dualidades centro-periferia, norte-sul, capital-província, branco-Indígena, que até hoje continuam a reproduzir estruturas coloniais de hierarquia social e cultural em nossas sociedades.

Portanto, é vital estabelecer onde jaz a ênfase nessas dualidades e onde as hierarquias são exercidas se pretendemos reverter tais ênfases de maneira propositiva e provocativa. Se fizermos isso, podemos não apenas visibilizar a maneira como nossas sociedades se cristalizam em torno de tais polaridades, mas também, neste ato de reversão, atuar como agentes que fomentam, incitam e provocam a existência de outros mundos.

Victoria Noorthoorn é diretora do Museo de Arte Moderno de Buenos Aires e mestre em História da Arte pela Universidade de Buenos Aires e em Estudos Curatoriais pelo Center for Curatorial Studies do Bard College, Nova York. Já atuou como coordenadora de projetos do programa internacional, no MoMA, Nova York. Foi curadora assistente de exposições contemporâneas no The Drawing Center, Nova York, e curadora do Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires. Noorthoorn trabalhou de forma independente em vários projetos curatoriais em Buenos Aires, Santiago, São Paulo, Galiza, Nova York, Cali e Porto Alegre, tendo curado algumas bienais, entre elas a Bienal de Lyon, 2011.

Traduzido para o português por
Bruna Barros e Jess Oliveira

ORGANIZAÇÃO

Amanda Carneiro e André Mesquita, MASP

Amber Husain e Mark Lewis, Afterall

Anjalie Dalal-Clayton, Decolonising Arts Institute, UAL

Yaiza Hernández Velázquez, Departamento de Cultura Visual, Goldsmiths – Universidade de Londres

DESIGN GRÁFICO

Bárbara Catta

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Amber Hussein
Amanda Carneiro
Yaiza Hernández Velázquez

Durante o mês de março, este simpósio realizará discussões online com artistas, ativistas, pesquisadores e trabalhadores da arte, cada um centrado em um tema específico. As contribuições de cada palestrante são publicadas na plataforma da Afterall, <https://www.afterallartschool.org> em inglês.

As traduções em português serão publicadas na página "Arte e descolonização" do MASP, <https://masp.org.br/arte-e-descolonizacao>

PROGRAMA

TERÇA-FEIRA, 9 DE MARÇO,
15H-16H30

O Museu, com Victoria Noorthoorn e Elvira Espejo Ayca

TERÇA-FEIRA, 16 DE MARÇO,
15H-16H30

Gênero, com Danielle Brathwaite-Shirley e Yuderlys Espinosa

TERÇA-FEIRA, 23 DE MARÇO,
15H-16H30

Publicação, com Margarida Waco e Diego del Valle Ríos

QUINTA-FEIRA, 25 DE MARÇO,
15H-16H30

A Universidade, com Rahul Rao e Osmundo Pinho

TERÇA-FEIRA, 30 DE MARÇO,
14H-15H30

Arte, com Rachael Minott e Rosana Paulino

Arte e descolonização é um projeto de longo prazo coordenado por André Mesquita e Mark Lewis e que apoia o desenvolvimento de pesquisas realizadas pelo Museu de Arte de São Paulo (MASP), e pelo Centro de Pesquisa Afterall. Esta colaboração tem o apoio da British Academy e da Universidade de Artes de Londres.